Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

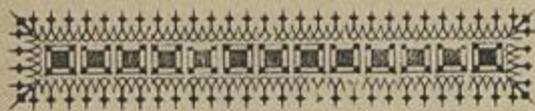
Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

23.º Anno — XXIII Volume — N.º 786

30 DE OUTUBRO DE 1900

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe. e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO AO INFANTE D. HENRIQUE

MONUMENTO AO INFANTE D. HENRIQUE, NO PORTO
Inaugurado no dia 21 do corrente

CHRONICA OCCIDENTAL

Partiu El-rei para o Porto. Chegou do Porto El rei. Foi a viagem real o assumpto magno d'estes ultimos dias, e com razão; mas tarde vimos para noticial-a e toda a discussão a esse respeito levantada na imprensa politica de todas as côres conservou-se nas regiões do sereno azul.

As festas correram com brilho e enthusiasmo, que foi crescendo até á despedida dos monarchas no porto de Leixões. Enthusiastica tambem foi a recepção que aos reis de Portugal foi preparada em Lisboa.

É assumpto esgotado. Não chegou a sel-o a reunião do conselho de estado, que votou a dissolução das camaras. Apenas uma meia duzia de jornaes tentou explorar o caso para mais umas linhas em artigo de fundo. Continua por aqui imperando o platonismo.

Outro tanto não poderá dizer-se em Inglaterra, onde levantou serias discussões o discurso proferido na City pelo secretario de estado das colonias, o famoso Chamberlain, que fez a apologia do imperialismo, entre explosões de applausos. Foi elle o grande vencedor.

A caminho da Europa vem, infeliz, mas talvez mais glorioso, o ex-presidente da republica transvaliana. Assegura-se agora que Kruger, logo que chegue á Europa, pedirá ao conselho federal da Suissa a sua mediação na guerra d'Africa.

O dr. Leyds, acompanhado por trez membros da missão boer irá a Port-Said receber o ex presidente.

Mas nem já esse final de trajedia preoccupa as attenções. O grosso normando das primeiras noticias sobre a guerra d'Africa foi, pouco a pouco, substituido pelo corpo pequeno das noticias vulgares. Adivinhado o desfecho, o espectador cançado, distrae-se, levanta-se e abandona o theatro. Tempos depois, nem sabe se foi drama ou comedia aquillo a que assistiu.

A politica em Portugal está tomando folego para as luctas de mais tarde, quando as novas camaras abrirem. Vai por emquanto como o tempo: politica de meia-estação — um bocadinho de chuva, um nadinha de frio, uma manhã de sol, uma tarde humida. D'aqui a dois mezes, quando chegar o janeiro carrancudo, acabarão talvez os sorrisos nos labios, as doces ironias, os queridos collegas, os tons melifluos. É possivel até que haja algum temporal desfeito e diz-se que a opposição já todas as manhãs põe o nariz curioso em cima do ponteiro do barometro. Mas a agulha não desce para baixo de entre *bom tempo* e *variavel*. Houve, segundo se disse, uma pequenina depressão no ministerio da fazenda, mas foi questão de millimetros, segundo informações dos jornaes officiosos. A pressão augmentou e a agulha paron quasi no *bom tempo*. Por essas regiões, como por esses jardins, vão florescendo os chrysantos.

Entretanto o inverno approxima-se e já d'elle tivemos novo annuncio com a abertura de mais um theatro e com a primeira representação de peça nova n'um outro.

Deu-nos o theatro de D. Maria uma peça allemã, o *Papa-flores*, o de D. Amelia uma peça franceza, já nossa conhecida, os *Maridos de Leontina*.

Tambem no Gymnasio tivemos peça nova e a estreia d'uma actriz. No Principe Real, Cinira Polonio, tentando um genero para ella novo, representou a *Perola* de Marcellino Mesquita.

Vai-se falando de Duse e de Réjane, que brevemente veremos no theatro D. Amelia. A assignatura é já enorme.

E emquanto nós nos vamos entretendo, applaudindo aqui e acolá, n'este theatro e n'aquelle, o esforço dos empresarios para chamar um publico por emquanto distrahido e preguiçoso a voltar aos habitos ha muitos mezes abandonados, resurge no Porto a velha questão do espiritismo, que tanto commoveu Lisboa ha vinte annos: mesas falantes, mediums escreventes. Uma maneira como outra qualquer de passar um pedaço de noite.

A mania pouco durou entre nós.

— Pan! pan! dizia a mesa.

— Está lá?

— Pan! pan!

— Quem é?

A mesa duvidava.

— Se é espirito superior, levante o pé da direita, se não, levante o da esquerda.

A mesa gemia e levantava o pé da direita.

Levantava sempre o pé da direita. Era sempre um espirito superior!

— Ora vamos a ver se adivinha o numero em que este senhor está pensando.

— Pan! Pan! Pan! Pan!

— Tal qual! Quatro! dizia o homem muito espantado.

E quem fazia aquelle pan, pan, pan, era Julio Cesar, Camões, Napoleão ou Aristoteles, que decerto achavam muita graça áquillo, para virem ali todas as noites fazer pan, pan, pan.

A mania foi esmorecendo e por fim foi mudando em experiencias de suggestão, tendo nós visto alguns casos curiosissimos, a que davam logar a facil magnetisação da linda actriz Amelia da Silveira, fallecida no Brazil, e de Maria Falcão, então uma criança e hoje distincta artista do theatro D. Amelia.

Por todas as casas n'esse tempo havia banquinhas andando á roda, homens de olhar profundo de que as meninas tinham o maior medo, esthericas com sonhos que sahiam certos, e volumes de Allan-Kardec por cima de todas as mesas. Contavam-se coincidencias extraordinarias. Um tinha sonhado toda a noite com grandes lagostas a andarem n'uma caverna submarinha e logo ao acordar tinha ouvido uma varina a apregoar carapáus! Outro predissera por palpite a queda do ministerio cinco dias antes a este cahira tres dias depois! Andavam todas as cabeças n'ûma barafunda.

Tal qual a policia agora com o criminoso do Barreiro, que vae tendo uma centena de edições, nenhuma authentica.

Entretanto é *já* uma questão mais grave que a do espiritismo *por emquanto*.

E, se sublinhamos a palavra, é porque ninguem por emquanto pode afiançar que não está em muitos factos provados e ainda inexplicados a origem d'uma nova sciencia. Que seria da astronomia e da chimica se não tivesse havido astrologos e alchimistas?

Porque não nos dirão a nós os espiritos superiores, que se divertem a pôr-se comnosco em communicação, quem são os criminosos? Então, quando houvesse concursos de logares na Parreirinha, não se exigiria perspicacia nos homens de bengalão, mas tão sómente fluido nervoso e boas relações para além do tumulo. As cartas de empenho seriam traçadas pelo proprio medium e assignadas por Epaminondas ou pelo pae Adão, que teriam a firma aberta em todos os tabelliães de Lisboa.

Seriam elles tambem quem suggestionariam o sr. José de Azevedo na questão, que, segundo se diz, não será resolvida e que tanto nos interessava, a do barateamento da carne.

Por ora só nos podemos referir exactamente ao contrario. O caso foi sempre de tal gravidade que já o abbade de Jazente contou em verso, como assumpto digno da lyra os altissimos preços.

Pois comparemos:

SONETO

A trinta e cinco réis custa a pescada,
O triste bacalhau a quatro e meio,
A dezeseis vintens corre o centeio,
Do verde a trinta réis custa a canada.

A sete e oito tostões custa a carrada
Da torta lenha, que do monte veio;
Vende as sardinhas o gallego feio
Cinco ao vintem e seis pela calada.

O sujo regatão vae com excesso
Revendendo as pequenas iguarias,
Que da pobreza são todo o regresso.

Tudo está caro; só em nossos dias,
Graças ao céo, temos em bom preço
Os tremoços, o arroz e as senhorias.

Este abbade de Jazente não deixava de ter a sua originalidade.

E já que estamos com a mão na massa poetica do homem, ahi vae outro soneto para prova do que affirmamos e com o qual elle julgou decerto conquistar o agrado da sua bella Ignez.

SONETO

São linhas curvas, Nize, os teus cabellos,
A frente superficie a mais brilhante,
A celha semi-circulo distante,
E dois globos de luz os olhos bellos.

A boca prendem angulos singellos,
O nariz forma lombo dominante,
Que do centro do eliptico semblante
Orizontisa extremos parallelos.

N'elle se abreviou dos céos a esphera,
Pois de quanto contempla a fantasia
Em ti mais perto a vista considera.

E é tanto do teu rosto a symetria,
Que n'elle Euclides aprender pudera
Mais justas proporções de geometria.

Aquelle nariz de lombo dominante faz-nos desconfiar de que esta Nize fosse a estanqueira do Chiado. O que é certo é que a poesia de compasso e regua a não commoveu muito e que o pobre do abbade soffreu com isso. E não admira. Quem o mandava cantar narizes aos sessenta annos?

João da Camara.

CARTAS DA EXPOSIÇÃO

Frio e uma chuva miudinha... Mas não quero dizer mal dos trezentos mil visitantes ou pouco menos que ha dias me imitaram o exemplo, dando mais uma volta pela exposição.

E é que parece que não molha, mas chegámos lá encharcados.

A ultima linda festa foi a das vindimas. Um verdadeiro encanto, como tudo quanto aqui temos visto e talvez em nossa vida nos não seja dado outra vez admirar.

O máo exito financeiro d'esta maravilha das maravilhas ha de amedrontar talvez os mais audaciosos, que nem sempre a fortuna ajuda, máo grado o dictado e o latim em que foi pela primeira vez escripto. Vamo-nos portanto despedindo, com um adeus para sempre.

Apesar do tempo nada amoroso e por isso pouco convidativo, continuam os provincianos e os estrangeiros affluindo a Paris.

Diz se que o praso para o encerramento da exposição será addiado por mais uns oito dias. Todos applaudiram a idéa, tanto os expositores como aquelles que só agora puderam dispôr d'uns dias para dar ao espirito um rega bofe de deslumbramentos.

Alguns dos edificios magnificos, que foram expressamente construidos para esta exposição e cuja construcção custou muitos milhões, serão, segundo se diz, conservados. Pois não seria uma dôr d'alma ver erguer-se a picareta demolidora contra esse palacio das machinas, contra a formosissima sala das festas, contra os palacios da beira do Sena? E quanto não custava isso?... Uma nova fortuna!

Fiquem, ao menos, emquanto Deus lhes der vida e saude, como memoria do grande brilhantismo com que a capital do mundo quiz que fosse encerrado o seculo em que nascemos. Poderão os vindouros pelo dedo talvez conhecer, ou pelo menos de leve calcular o que seria o gigante.

Entre as continuadas festas em que estes breves mezes teem decorrido, merece menção especial o banquete dos operarios da exposição, a que presidiu, como era justo, o ministro do commercio, sr. Millerand, que mais uma vez discursou. Parece impossivel que n'aquelle cerebro ainda se forjem idéas, que n'aquella larynge se formem palavras. Este ministro tem fallado em cinco mezes muito mais que o padre Vieira em toda a vida. Muito applaudido, como sempre, está claro.

Para variar de tantos festejos e alegrias, tivemos ha dias o desastre na linha do metropolitano, entre os Campos Elysios e a Praça da Concordia. Do choque dos comboios resultou ficarem feridas umas trinta pessoas. Mas como todas estão em via de restabelecimento, o episodio não fez bulha.

Mais deu que falar o caso de ser autoado o rei Leopoldo da Belgica por seguir com o seu automovel com maior velocidade do que manda o codigo de posturas.

Depois do attentado contra o Shah da Persia, nenhuma testa coroada tinha dado tanto que falar em Paris.

Claro está que o policia não conhecia o rei flamengo, apesar de não ser meia noite. Uma atrapalhação para o pobre homem, que n'um instante se viu guindado a celebridade de vinte e quatro horas n'este alegre Paris, que não perde ensejo de rir o seu bocado.

E até d'aqui a pouco... infelizmente.

Paris—25 de outubro de 1900. *M. C.*

Inauguração do monumento ao infante D. Henrique

VIAGEM DE SUAS MAGESTADES

No sabbado, 20, pela manhã partiram de Cascaes suas majestades, dirigindo-se em comboio expresso para a cidade do Porto, onde foram inaugurar o monumento ao Infante D. Henrique, o illustre iniciador das grandes emprezas maritimas, que tamanho haviam de tornar no mundo o nome portuguez.

Por parte do ministerio acompanhavam El-rei os srs. ministros do reino, obras publicas e justiça.

Nas estações do trajecto, e especialmente em Coimbra, foram suas majestades muito acclamadas e cumprimentadas pelas auctoridades civis e militares, presidentes das camaras, etc.

Ás quatro horas em ponto chegava o comboio á estação de Campanhã, onde aguardavam suas majestades grande numero de senhoras, o bispo e os abbades das freguezias, todas as auctoridades civis, officialidade da divisão naval surta no Douro, muitas das principaes associações, muitos funccionarios, toda a officialidade em commissão na cidade, a do cruzador inglez *Pactolus*, a da canhoneira hespanhola *Vasco de Bolboa*, etc.

Depois dos cumprimentos do estylo, o sequito poz se em marcha para o palacio das Carrancas, sendo durante todo o trajecto suas majestades acclamadas por enorme multidão, cujos vivas redobraram, quando o sr. D. Carlos acompanhado pela sr.ª D. Amelia appareceu á varanda do palacio.

A' noite realisou-se o espectaculo de gala no theatro de S. João. No theatro houve novos vivas, que se repetiram á sahida de suas majestades e durante o trajecto até ao paço.

No dia seguinte, 21, ás dez horas da manhã dirigiu-se a Rainha sr.ª D. Amelia para o dispensario, onde era esperada por muitas senhoras. Entretanto El-rei visitava os quarteis e o velodromo.

A' recepção d'esse dia, que terminou perto das tres horas da tarde, concorreram muitas senhoras das mais distinctas do Porto.

O monumento ao Infante, principal pretexto da viagem, foi inaugurado n'esse dia. A estatua é obra do insigne esculptor Thomaz Costa. Foi um acto deslumbrante pelo enthusiasmo demonstrado pela multidão, que se apinhava na enorme praça. O sr. Wenceslau de Lima, presidente da camara municipal, leu um discurso allegorico, depois do qual suas majestades entraram na velha e formosissima egreja de S. Francisco, onde foi cantado o *Te-Deum*.

A' noite magnificas illuminações. Todos os navios de guerra surtos no Douro illuminaram com fócos electricos. A retreta militar começou ás oito horas da noite. As praças de infantaria levavam fachos e as de cavallaria balões venezianos. O effeito era bello. Suas majestades assistiram das varandas do palacio á passagem da retreta.

No dia seguinte, 22, a Rainha sr.ª D. Amelia, que logo de manhã fôra visitar a créche de S. Vicente, o asylo do Terço e a créche de Cedofeita, installou ás duas e meia, no edificio da camara municipal as commissões de Assistencia aos Tuberculosos, pronunciando por essa occasião um sentidissimo discurso, revelador das santas qualidades de seu coração, a que respondeu o illustre bispo do Porto, sr. D. Antonio Barroso.

Installaram-se duas commissões e tres subcommissões, das quaes muito ha que esperar.

Depois d'um pequeno discurso do sr. Wenceslau de Lima, foram levantados muitos vivas a toda a familia real.

Ainda n'esse dia foi lançada, em meio de numerosa assistencia, a primeira pedra da estação central dos caminhos de ferro, lavrando-se a respectiva acta.

Terminado este acto solemne, foram os monarchas visitar o Centro Commercial e o templo da Lapa.

A' noite grande baile no club, onde se juntaram mais de quatrocentas senhoras e que decorreu animadissimo

Na manhã d'esse dia El-rei visitou a fabrica da Companhia Alliança de Massarellos, onde foi saudado pelos quatrocentos operarios que trabalham n'essas importantissimas officinas.

O jantar no paço foi n'esse dia offerecido á officialidade da guarnição do Porto.

No dia 23, ás 11 horas e um quarto da manhã, partiram suas majestades para Leixões, onde embarcaram no cruzador *D. Carlos* que as trouxe a Lisboa, acompanhado pelos cruzadores *S. Raphael* e *S. Gabriel* e dois torpedeiros.

Suas Majestades foram em Leixões recebidos pela direcção da Associação Commercial, que lhes offereceu o almoço. A affluencia do povo era enorme.

El-rei respondendo ao brinde do vice-presidente da associação disse que o Porto encontraria sempre no rei um amigo leal e sincero, que o Porto podia contar com o rei de Portugal, como o rei de Portugal contava com o Porto.

Depois de inaugurado o posto de desinfecção, procedeu-se ao embarque em meio das maiores manifestações.

Suas Majestades visitaram os dois cruzadores estrangeiros e ás quatro e um quarto poz-se toda a esquadra em marcha, seguida pelos vasos de guerra estrangeiros. A multidão nos molhes acenava com os lenços. O effeito era deslumbrantissimo. Calculam-se em perto de cincoenta mil as pessoas que estavam em Leixões.

A's onze horas do dia 25 desembarcaram Suas Majestades no Arsenal de Lisboa, onde lhes foram erguidos vivas pelo sr. Presidente da Camara.

Seguiram pouco depois para Cascaes.

O enthusiasmo com que o Porto recebeu os monarchas portuguezes teve ainda ecco na deliciosa villa balnear, onde a população os acolheu com vivas sentidos e carinhosos.

QUESTÕES SOCIAES

(O TRABALHO)

> «L'homme ne peut subsister et se multiplier qu'à la condition de s'assimiler incessamment les éléments nécessaires à l'entretien de ses forces et de sa vie; si ce travail d'assimilation vient à s'arrêter ou demeure insuffisant, il souffre et il périt».
>
> *M. G. de Molinari.*

O periodo que acabo de transcrever de uma obra notavel que tem o titulo de *A evolução politica e a revolução*, encerra na verdade a causa explicativa do trabalho e a sua significação philosophica.

«El trabajo, exclama o illustre hespanhol D. Indalecio Martinez Alcubilla ao encerrar um capitulo do seu livro *Guia moral da juventude em materia penal*, es pues, ley fatal de la naturaleza y el tormento mayor y más constante de la pereza».

O escriptor singular do *Genesis* mostra o Deus creador do universo operando por tempos as maravilhas insondaveis de seu poder; Salomão legou nos seus proverbios este conselho profundo: «fala menos e trabalha mais» e ainda o legislador do povo hebreu, Moysés não se cançou de repetir, conforme havia sustentado no livro famoso: «que o povo de Israel, e que o homem, imagem e semelhança de Deus, trabalhe como o seu modelo trabalhou e contemple a seu turno a obra de cada semana».

Quem não comprehende até á essencia de seu proprio ser, estas expressões claras e incisivas cujo valor intrinseco está contido no seu mesmo enunciado e cuja belleza moral soberana se impõe a todas as intelligencias sem restricção de especie alguma?

O trabalho é uma lei divina e uma sancção nobre do esforço legitimo sobre as contrariedades da vida na carreira da humanidade. Bem ficou formulada e corrente entre a descendencia de Héber esta phrase conceituosa: «trabalhar e gosar do fructo de seu trabalho é o que ha de melhor para o homem debaixo do sol».

Com effeito, pondo de lado a tradição do Éden primitivo onde o trabalho não poderia ser banido inteiramente, nenhuma razão explica o triumpho solemne dos recursos fracos d'esta creatura de passos vacilantes sobre as forças cegas da natureza cosmica a não ser o trabalho, meio irresistivel na lucta quotidiana e alavanca brilhantissima de quantas civilisações tenham vindo e possam vir irradiar na terra.

«Eu chamo trabalho, dizia João Baptista Say na *Economia politica*, a acção seguida á qual nos entregamos para executar uma das operações da industria ou sómente uma parte d'estas operações».

Sem elle, como haveria o homem dominado o elemento physico nas suas primeiras horas de ignorancia e de temor e como lhe teria sido possivel consolidar os seus labores em face de mil phenomenos desconhecidos e de perigos proximos sempre crescentes?

O instincto de conservação leval-o-ia á tentativa de furtar o corpo á garra e aos saltos da féra, mas se a faculdade de trabalhar suggerindo lhe modo pratico na defeza da vida lhe não distinguisse o caracter e o não investisse n'uma realeza suprema, havia de succumbir inglorio na inercia da dôr e na irresponsabilidade de seu demerito.

«O trabalho, affirmou Adolpho Franck no livro *Moral para todos*, por isso que é indispensavel ao cumprimento dos nossos mais imperiosos deveres, d'aquelles deveres que podem ser considerados como fundamento e condição de todos os outros, é, de si mesmo, um dever absoluto, universal, que se dirige a todos os homens, indistincta e incondicionalmente. E assim é que a lei do trabalho nos apparece como uma das primeiras leis da humanidade, e justifica estas palavras do livro de Job: «O homem nasceu para trabalhar, como a ave para voar».

O trabalho não é exclusivo da divisa racional que ergue o homem acima dos demais seres que habitam este globo, estende-se a tudo o que é animal e até á materia inanimada.

Desde o cerebro pensante do primeiro entre os animaes, por isso que se lhe estampa na fronte a altivez da serenidade vencedora, lhe fuzila nas orbitas a luz do genio e o olhar do crente e impéra e orienta no mysterio da sua consciencia a lei do dever e a voz de um Deus, desde o cerebro pensante do primeiro entre os animaes até ao grão d'areia perdido na immensidade das praias e ao atomo que se recusa á visão microscopica, desde o homem balbuciante nas mantilhas da infancia, até á estrella que scintilla nos seios da vastidão e ao astro solar que nos dardeja calor vivificante, existe apenas um laboratorio amplissimo em que não ha excepções de exercicio, em que não póde haver sequer uma interrupção de continuidade activa e em que o maior operario é Deus, potencia das potencias e fonte primacial da idéa.

Alimentar o estimulo do trabalho e os desejos de cada qual conseguir por si mesmo o conforto da estabilidade e a autonomia de pessoa livre e digna de respeito nas sociedades cultas, é a missão politica dos governos na dirigencia dos povos

Cumpre-lhes velar pela segurança dos cidadãos e pela integridade das leis, e nem uma coisa nem a outra serão logradas efficazmente se não attingirem no empenho do progresso manter no coração das massas a constancia laboriosa e o odio aos ociosos.

A ociosidade, que Augusto Callet definiu com precisão elegante «le repos sans raison, le repos qui use les forces de l'homme et éteint son courage» é que é mister combater sem tréguas pelo exemplo do trabalho e pela dedicação civica.

O ensino da historia é da mais alta conveniencia como lição e incentivo para todas as classes.

Habituar o homem do povo como o opulento a reflectir sobre as vantagens alcançadas pelas gerações antigas na esphera do trabalho manual e das cogitações do espirito, outro trabalho não dependente dos membros locomotores e de prehensão e nem só dos sentidos educados mas não menos grato ás conquistas deslumbrantes da civilisação, habilitar ricos e pobres a conhecer por exemplo, á vista de pedras enormes collocadas umas sobre as outras sem cimento, os vestigios certos da passagem dos pelasgos e diante dos caracteres hierogliphicos um signal eloquente do grau adiantado a que chegou o Egypto da epoca das pyramides e do tempo dos pharaós, incutir tudo quanto serve a policiar homens na alma popular, o mesmo é que attrahir as multidões para o amor do trabalho e para a emancipação voluntaria e não criminosa de todos os laços ominosos que subjugam, de todo o inicio desregrado susceptivel de converter se no delirio da loucura e no resvalar do vicio, de todo o calculo alheio tendente a aproveitar a má fortuna e as circumstancias graves, n'uma palavra, de toda a nodoa que mancha e de toda a astucia que obsecra embelecando.

Não ha nada mais lisonjeiro para o homem do que a satisfação plena de suas vontades, e é por isso exactamente que os depositarios do poder devem desenvolver a solicitude maxima no ministerio educativo, tendo como objecto principal fazer nutrir por boas leituras escolares o apego ao trabalho.

Um povo de trabalhadores será sempre modelo de ordem interna e de honradez escrupulosa na observancia dos tratados firmados com os paizes e os governos das suas relações exteriores.

Mas importa que a auctoridade não consinta extorsões de casta alguma e se opponha intransigentemente contra todos os desmandos proprios a concitar desharmonias e a romper o justo equilibrio entre as diversas camadas sociaes.

O officio dos governos consiste em primeiro logar em honrar o trabalho e em impedir desconsiderações a direitos civicos e attentados anarchicos.

«Nós, disse Emilio de Laveleye no capitulo *Ferdinand Lassalle* do seu tão celebre livro *Le socialisme contemporain*, soffremos as leis cosmicas, fazemos as leis sociaes. Umas são imutaveis e teem as

suas causas na constituição do universo. As outras mudam de seculo em seculo, á medida que a marcha da historia faz nascer outros typos de civilisação.»

Sem embargo porém d'estas modificações sensiveis que se explicam logicamente pelo caminhar das idéas, pelo interesse ascencional das necessidades e pela propria natureza psychica do ser humano, o trabalho permanece na sua categoria elevada como elemento grandioso de registo indelevel dos passos do ente racional, como insignia immaculada de pundonor edificante e como bandeira e égide da verdadeira nobreza d'este mundo.

«Les hommes qui vivent ensemble, et se touchent toujours, deixou escripto Michelet n'aquelle bello volumesinho *O Povo*, se développent nécessairement au simple contact, et comme par l'effet de la chaleur naturelle.»

Compenetrem-se a fundo d'esta linguagem, que não é a utopia d'um poeta nem o sonho d'um visionario, mas uma realidade pura e de observação facil, os dirigentes das nacionalidades, communiquem-se uns aos outros os principios redemptores da equidade e os sentimentos austeros da justiça imparcial, radiquem por sympathia e por suggestão no amago das collectividades o desejo de ganhar pelo trabalho a sua carta de alforria publica e a sua independencia individual.

É assim que se libertam os povos para o sol sem occaso das civilisações perennaes, que se fundamentam em bases solidissimas os alicerces inabalaveis da dignidade humana e que se levanta ao instrumento productor da sociabilidade e da riqueza o pedestal ingente da sua consagração esplendida.

E este instrumento prodigioso, esta mola gigantesca da machina social e do engenho intellectual da humanidade é o *Trabalho*, emblema do bem e ara santa da Divindade!

D. Francisco de Noronha.

O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa

1883-1884

(Continuado do numero antecedente)

O praso para a apresentação das propostas dos concorrentes acabava no dia 28 de janeiro ás 4 horas da tarde. N'esse momento Campos Valdez apresentou a sua proposta de sociedade com Mattos, tendo depositado 15:000$000 réis como exigia o programma; pouco depois apparecia uma proposta, que, segundo se dizia, era do antigo emprezario Freitas Brito, debaixo da firma Valle & C.ª; o governador civil porém não acceitou tal proposta, por não ter sido feito o deposito exigido; ficando portanto só o primeiro concorrente.

A empreza Mattos & Valdez acceitava o programma do governo; do subsidio relativo aos mezes de fevereiro e março de 1884 cedia 100$000 réis; concedia entrada gratuita no theatro aos alumnos do Conservatorio de Lisboa, e promettia trazer á scena de S. Carlos uma companhia franceza de opera, em um dos intervallos das epochas theatraes. O governo acceitou a proposta e adjudicou-lhe o theatro. Esta resolução do governo foi acolhida com grande jubilo pelos artistas e pelo publico.

N'este anno de 1883 a 1884, o estado dispendeu com o theatro de S. Carlos a quantia de réis 66:643$015, que se decompõe da seguinte maneira:

Subsidio votado pelas côrtes:

Pago a Freitas Brito & C.ª, até 10 de novembro 1883.......	14:710$000	
Idem a Mattos e Valdez	9:000$000	
Administração por conta do governo...	1:290$000	25:000$000
Pago a Campos Valdez		900$000
Deficit da exploração do theatro pelo governo.............		36:104$255
Obras feitas pelo governo no theatro...		4:638$760
		66:643$015

Eis o reportorio posto em scena pela nova empreza Mattos Valdez, além das operas já anteriormente representadas, n'estes dois mezes de fevereiro e março, que completavam assim a estação theatral, tão accidentada e tumultuosa, de 1883 a 1884.

Lucia di Lammermoor, de Donizetti, em 5 de fevereiro de 1884, por Donadio, Neri, Ortisi, Piazza, Salvatti, Bertocchi, Povoleri.

Fra-Diavolo, de Auber, em 13 de fevereiro, por Cecilia Ritter, Eugenia Mantelli, Angelo Massanet, Piazza, Souvestre, Magnani, Povoleri.

Il Barbiere di Siviglia, de Rossini, em 16 de fevereiro, por Donadio, Neri, Massanet, Salvatti, Magnani (e depois por doença d'este buffo o tenor Piazza), Rapp, Bertocchi; Donadio cantou no 3.º acto as variações de Proch, e a romanza, *Si vous n'avez rien à me dire*, da baroneza de Rothschild.

Lauriana, de Augusto Machado, dedicada ao rei D. Luiz I, em 1 de março de 1884, por Borghi-Mamo, Mantelli, Ortisi, Devoyod, Rapp, Souves-

INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO AO INFANTE D. HENRIQUE

PRAÇA DO INFANTE D. HENRIQUE, NO PORTO, ONDE FOI INAUGURADO O MONUMENTO

tre, Piazza, Bertocchi, Lorenzana. N'esta opera havia uma dança, *Astrea*, musica do mesmo auctor, composição choreographica de Casatti, desempenhada por Catarina Casatti, Torri e Paglieri.

Mignon, de Ambroise Thomas, em 9 de março, por Donadio, (e depois Ritter), Bellincioni, Mantelli, Massanet, Souvestre, Rapp (e depois Salvatti), Del-Fabbro, Ghidotti.

nesta epocha os conjuges Casatti, e as bailarinas, Torri, Paglieri, Concha, Carmen, Christina, Lopez, J. Menendez e Ciupanni Menendez, Pelopez, Averino, Soledad, Manuela, Pepa.

Em 24, 25 e 26 de fevereiro houve opera e bailes de mascheras, sendo o do domingo 24 para os assignantes.

Em 10 de março de 1884, em beneficio dos Albergues nocturnos, sob a protecção do rei D. Luiz I,

sias recitadas por Brazão (de Thomaz Ribeiro), de Fernando Caldeira, por João Rosa, *scena comica* de Garrido por Taborda; e cantaram: Donadio a romanza *Aimons* de Rotoli e o bolero das *Vesperas sicilianas*, Pozzoni a romanza do *Othello* de Rossini, Borghi-Mamo romanza *Dopo* de Tosti, e duetto de *D. João* com Devoyod; Ritter a aria de *Nozze di Figaro* de Mozart; Ortisi, romanza de *Ruy-Blas*, e tercetto de *Guilherme Tell* com

REAL THEATRO DE S. CARLOS — IL RE DI LAHORE — *Scenographia de Luigi Manini*

Il Ré di Lahore, de Massenet, em 2 de abril, por Borghi-Mamo, Mantelli, Ortisi, Devoyod, Rapp, Povoleri, Bertocchi.

Houve n'esta epocha as seguintes danças:

Um baile carnavalesco, *Os dois barbeiros*, de Casatti, com coros de Bonafous, em 20 de fevereiro de 1884, por Eugenio e Catarina Casatti, Torri, Moraes, José Romão.

Em 1 de março deu-se o baile *Astrea* na opera *Lauriana* como já dissémos, e em 14 de março um *Novo divertissement*, de Casatti.

As principaes figuras do corpo de baile eram

houve um grande sarau lyrico, dramatico, poetico e musical, em que a orchestra tocou a symphonia de *Guilherme Tell*, intermedio de *Mignon*, preludio do 3.º acto de *Lohengrin*, e *pizzicato* do baile *Sylvia* de Delibes; o pianista Alfredo Napoleão e os violinistas Nicolau Ribas, Moreira de Sá, Marques Pinto e Cyriaco Cardoso tocaram a *marcha* e *scherzo* do quintetto de Schumann, e a *serenada* de Cardoso; houve, além d'isso: solo de rebeca por N. Ribas, concerto de piano por Napoleão, concerto de Mendelsohn por Moreira de Sá; *cantos populares* no violino por Marques Pinto; *poe-*

Devoyod e Rapp; Devoyod *romanzas Air de Chalet*, de Adam, e *la Charité* de Faure; Rapp, romanza *Povere rondinelle* de Scontrino.

Para este beneficio foram vendidos em leilão os camarotes no salão da Trindade em 22 de fevereiro de 1884; os que attingiram mais altos preços foram: frisa n.º 17, 140$000 réis pagos pelo Visconde de Falcarreira, 1.ª ordem n.º 35, 210$000 réis por Antonio de Almeida Brandão; os menores preços foram, nas frisas, a *B* debaixo da tribuna por 25$000 réis, e na 1.ª ordem 45$000 réis, nos de 2.ª o maximo foi 14$000 réis e o minimo

9$000 réis. O beneficio rendeu quasi 7:500$000.

Em 30 de março, em despedida de Pozzoni e Ritter, deu-se 2.º e 3.º actos de *Mignon*, arias da *Favorita* e *Aida* por Pozzoni, e *Novo divertissement*.

Em 15 de abril, festa artistica de Borghi-Mamo; representou-se: 1.º, 2.º e 4.º actos da *Lauriana*, 3.º de *Mephistopheles*; dança *Novo divertissement*.

Em 17 de abril, festa artistica de Ortisi; deu-se 1.º e 4.º actos dos *Huguenotes* e 2.º e 3.º do *Rei de Lahore*.

Em 19 de abril, festa artistica de Rapp, deu-se 1.º acto dos *Huguenotes*, 2.º e 3.º do *Rei de Lahore*, o quarteto do *Mephistopheles*, e a aria de Calumnia pelo baixo Rapp.

Em 20 de abril, festa artistica de Devoyod, deu-se o 1.º acto da *Lauriana*, a aria da folia, em francez, de *Charles VI* por Devoyod, e 2.º e 3.º actos do *Rei de Lahore*.

Em 27 de janeiro de 1884 verificou-se no salão da Trindade, pela 1 hora da tarde um concerto em beneficio do pianista Eugenio Masoni, que havia sido acommettido por um ataque de loucura. Cantaram Borghi-Mamo, Ritter, Bellincioni, Ortisi, Devoyod, Rapp; tocaram o pianista Rey Collaço, o violinista Arbos e o violoncellista Rubbio.

Em 6 de abril, em beneficio do ponto do theatro de S. Carlos, Tito Pagani, houve concerto no salão da Trindade, em que cantaram Borghi-Mamo, Ortisi, Devoyod, Rapp, e tocaram o violinista Caggiani, o violoncellista Palmeiro e o trompa Del-Negro.

Em 18 do mesmo mez houve no salão da Trindade um concerto, em beneficio das irmãs hospitaleiras, em que cantaram Borghi Mamo, Mantelli, Ortisi, Devoyod, Rapp.

Na estação theatral de 1883 a 1884, reappareceu na scena de S. Carlos a cantora Erminia Borghi-Mamo, de quem já em outro logar apreciámos as qualidades e criticámos os defeitos. Na epocha que vamos descrevendo já a cantora se achava em grande decadencia, para que contribuira talvez a sua digressão á America do Sul. A sua voz que nunca fôra notavel nem em extensão, timbre, volume ou sonoridade, estava agora mais fraca, com as notas agudas de difficil emissão, e um timbre de arripiar os ouvidos quando eram forçadas; o gesto ainda mais exagerado que dantes e quasi sempre falso, e a pronuncia sempre horrivel nos rr e ss.

Apesar da grande aceitação que tinha tido em Lisboa, ao principio foi Erminia Borghi-Mamo muito friamente acolhida, e algumas vezes até com signaes de desagrado, mas depois, não obstante ter feito grande fiasco na *Lucrecia Borgia*, conseguiu levantar-se e agradar muito na *Lauriana* de Machado.

Tendo perdido seu pae, pouco tempo antes, a artista veiu acompanhada por sua mãe, a celebre Adelaide Borghi-Mamo que tanto agradara em Lisboa na *Sapho* e no *Othello*, nas epochas de 1864 a 1866, e a quem o publico chamou á scena, na noite da festa artistica de sua filha, fazendo-lhe uma ovação, como recordação dos seus meritos outrora exhibidos n'esta mesma scena.

Erminia Borghi-Mamo ainda voltou depois a Lisboa, como veremos, e mostrando não ter menos arte do que seu pae, na maneira de se insinuar, conseguiu relacionar-se com muitas familias da sociedade, que lhe sustentaram, com applausos e *réclames* o que lhe hia cada vez mais faltando em dotes artisticos.

Era Caetano Ortisi o primeiro tenor dos ultimos tempos da empreza Brito. Tinha bonita voz; como actor era muito nervoso, com movimentos bruscos e sacudidos, que a sua pequena estatura tornava por vezes extremamente comicos, prejudicando assim com frequencia as situações dramaticas.

O barytono Jules Devoyod era um artista consummado. A voz tinha um timbre brutal, aspero quando forte, mas no pianissimo era muito agradavel; como cantor era excellente; caracterisava-se, e estava em scena, perfeitamente.

Faremos especial menção da dama Gemma Bellincioni, cantora muito intelligente, dotada, porem, de limitados recursos vocaes, e que passou n'esta epocha quasi desapercebida, mas que annos depois, havia de brilhar extraordinariamente no mundo lyrico, pelo seu grande talento dramatico.

O commissario regio, e depois emprezario, Campos Valdez, escripturou alguns artistas de merecimento para reforçar a companhia.

Alem do celebre tenor Gayarre, de quem fallámos largamente em um trabalho anterior, citaremos em primeiro logar Antonietta Pozzoni Anastasi, a celebre artista para quem Verdi escreveu a parte de *Aida;* quando veiu a Lisboa já a Pozzoni cantava os papeis de meio soprano em logar de soprano, e era tão eminente no desempenho da parte de *Amneris* como havia sido na de *Aida* na grande composição de Verdi. As suas notas agudas estavam já deterioradas, o timbre da voz que ainda lhe restava era bellissimo, volumoso e avelludado, até ao *sol*. Foi o ter cantado muitas vezes, alternadamente, as duas partes de soprano e meio soprano, na opera *Aida*, que lhe apressou a decadencia do orgão vocal no registro agudo. Como cantora era primorosa, e perfeita artista: era inexcedivel na maneira como cantava o arioso do 2.º acto do *Propheta*. Era uma mulher loira, alta e esbelta.

Duas damas ligeiras vieram engrossar o elenco da companhia: a já conhecida Bianca Donadio de quem noutro lugar fallámos, e uma jovem artista Cecilia Ritter, soprano cuja voz não era de agradavel timbre; sobretudo, nas primeiras vezes que se ouvia, não impressionava favoravelmente, mas o seu canto era bonito e correcto, e conseguiu agradar, mesmo na presença da Donadio.

Logo nos primeiros dias da administração do governo debutou, nos *Huguenotes*, um novo *musicheto*, Eugenia Mantelli, jovem muito attrahente, com bonita voz de meio soprano, muito intelligente, e sabendo cantar com bello methodo; o publico sympathisou muito com ella logo desde o seu apparecimento, applaudindo-a muito.

Apesar das difficuldades com que luctou, a nova empreza conseguiu levar á scena nos dois primeiros mezes de gerencia, duas operas novas, sendo uma a *Lauriana* de um maestro portuguez, Augusto Machado, apesar do programma, da adjudicação do theatro, não conter disposição alguma que obrigasse o futuro emprezario a pôr em scena composições de maestros portuguezes. A outra opera nova foi o *Re di Lahore* de Massenet. Ambas as operas foram muito bem postas em scena, e a sua execução em geral, muito satisfactoria. *A Lauriana*, composição de muito merecimento, com alguns trechos bem inspirados, não só agradou muito, mas deu bastantes enchentes, o que tem sido grande raridade na scena de S. Carlos, com operas de auctor portuguez.

Na primeira noite em que se cantou a *Lauriana*, El-Rei D. Luiz, que não ia ao theatro por estar de luto pela morte da infanta D. Marianna, ouviu do palacio da Ajuda a opera por meio de telephones installados pela companhia de Lisboa. Nessa noite esteve em S. Carlos, no camarote de 1.ª ordem n.º 27, com os condes da Azambuja, a condessa de Bardi, filha do fallecido rei D. Miguel de Bragança, a qual felicitou ahi mesmo o auctor da opera.

No mez de maio houve uma serie de representações por uma companhia franceza de grande opera e opera comica, por conta da empreza, e em harmonia com os seus compromissos. O theatro esteve illuminado pela luz electrica, por meio de 120 lampadas de incandescencia de *Swan*, alimentadas por uma machina dynamo-electrica de Siemens.

Eis o elenco d'esta companhia:

Damas: Strassi, Rizzio, Candelon, Guerin, Luigini, Dewas, Jousse.

Tenores: Guille, Tournié, Démon.

Baritono: Bonnefond

Baixos: Ponsard, Aristide, Aurillon.

Buffo: Mayan.

Bailarinas: Valain, Caravelli, Violet.

Maestro: Gustave Lelong.

Os preços eram os seguintes:

	Assignatura por 20 recitas	Avulso cada recita
Frisas..........	130$000	7$500
1.ª ordem.......	130$000	7$500
2.ª »	90$000	5$000
3.ª »	50$000	3$000
Torrinhas	32$000	2$000
Cadeiras	20$000	1$200
Geral	12$000	$800
Galerias........	-$-	$500
Varandas.......	-$-	$300

Eis em seguida uma nota das peças que subiram á scena:

Guillaume Tell, de Rossini, em 10 de maio de 1884, por Rizzio, Guerin, Jousse, Guille, Bonnefond, Musan, Ponsard, Vidal, Aristide, Aurillon, Demar.

Le songe d'une nuit d'été, de Ambroise Thomas, em 11 de maio, por Rizzio, e depois Candelon, Guerin, Tournié, Mayan, Vidal.

La Favorite, de Donizetti, em 13 de maio, por Strassi, Guèrin, Guillé, Bonnefond, Ponsard, Démon.

Les mousquetaires de la reine, de Halévy, em 15 de maio, por Pauline Luigini, Guèrin, Tournié, Vidal, Mayan.

Zampa, de Hérold, em 23 de maio, por Luigini, Guèrin, Tournié, Vidal, Berton, Cifolleli.

Faust, de Gounod, em 25 de maio, por Candelon, Guérin, Jousse, Tournié, Mayan, Bonnefond.

Jerusalem, de Verdi, em 30 de maio, por Strassi, Dewas, Guille, Ponsard, Mayan, Bonnefond, Démon.

Le Trouvère, de Verdi, em 1 de junho, por Candelon, Strassi, Dewas, Guille, Bonnefond, Ponsard, Démon.

La Fille du Régiment, de Donizetti, em 4 de Junho, por Luigini, Jousse, Tournié, Mayan.

Le Chalet, d'Adam, em 4 de Junho, por Guèrin, Vidal, Mayan.

Les Dragons de Villars, de Maillart, em 5 de Junho, por Luigini, Guèrin, Tournié, Bonnefond, Cifolleli, Moreau.

Aydée ou le secret, de Auber, em 7 de junho, por Candelon, Guèrin, Tournié, Vidal, Mayan.

Galathée, de Victor Massé, em 10 de junho, por Candelon, Vidal, Mayan, Cifolleli.

Le petit abbé, de Grisart, em 10 de junho, por Luigini e Darville.

Nesta companhia havia de notavel ter dois bons tenores; Guille, que possuia uma voz lindissima, muito suave e extensa, da qual algumas notas faziam lembrar a voz do celebre Mongini, e que como cantor era fraco; Tournié, cuja voz barytonal não era muito agradavel, mas que sabia mui bem cantar e representar.

A deliciosa voz manifestada pelo tenor Guille induziu o emprezario Campos Valdez a escripturaI-o, por sua conta, para o reportorio italiano, fazendo lhe tomar lições de canto; mas o artista francez não tinha talento para a scena italiana, e a sua estatura pequena e grossa, e as attitudes da sua figura eram muitas vezes comicas e provocavam o riso do publico; comtudo em alguns trechos, de operas italianas, conseguiu aquelle tenor agradar bastante, ao publico do theatro de S. Carlos.

Attrahiu pouca gente a companhia de opera franceza; a assignatura esteve entretanto bastante concorrida, por isso que os assignantes d'estas recitas tinham preferencia para a futura epocha lyrica.

No mez de maio a empreza apresentou uma companhia de vaudeville, em que figurava a celebre Céline Chaumond, que deu algumas recitas. Os outros principaes artistas eram Lucile Chassaing, Helène Bilhaut, Eugene Didier Noblet, Allart, Daniel Bar, Jesyer, Millaud, Gatinais, Lamy, Marchand. O reportorio foi o seguinte:

La cigale, de Meilhac e Halévy em 16 de maio de 1884.

Divorçons, de Sardou em 18 de maio.

Lolote, de Halévy, idem.

Toto chez Tata, de Halévy, idem.

Le serment d'Horace, de Murger, idem.

La petite marquise, de Meilhac e Halévy, em 19 de maio.

Le consolateur, de Prével, idem.

Em 6 de junho realisou-se no Colyseu da rua nova da Palma, um grande concerto pelos socios da Real academia de amadores de musica, em que se executou a cantata *Patrie*, de Alfredo Keil, por D. Maria Luiza de Sousa Coutinho, Antonio de Portugal, José de Almeida, coros e orchestra.

Em 22 de setembro de 1884, falleceu repentinamente, em Cascaes, Raphael José Croner, mestre da banda de caçadores n.º 5, professor da orchestra do theatro de S. Carlos, muito afamado tocador de clarinete e de oboe, que tinha sido muito apreciado, e applaudido, em numerosos concertos em que tocou em Portugal e no Brazil. Este notavel instrumentista tirava lindos sons, executava com muita expressão, e a agilidade era muito correcta. Tinha pouco mais de 56 annos, pois nascera em Lisboa a 26 de março de 1828; era irmão do distincto flautista Antonio Croner, e filho de José Croner e de Anna da Piedade Croner.

(Continua) *Francisco da Fonseca Benevides.*

O REI DAS SERRAS

POR

Edmond About

VI

A FUGA

Não lhe contarei os tres dias que passei no quarto na companhia do Basilio. As seccas por que passei não as quero repartir com mais ninguem. O homem não me queria mal, mostrou-me

até certa sympathia. Creio que se eu só d'elle fosse prisioneiro que talvez me deixasse abalar sem resgate. Foi assim desde que me viu, porque dizia que eu lhe lembrava um irmão que havia perdido no tribunal.

Mas essas mostras de amizade mais me aborreciam do que os máos tratos. Não esperava que o sol nascesse para me dar os bons dias; á noitinha nunca deixava de me desejar muitas prosperidades, cuja lista era muito longa No meio do meu sonho sacudia-me para me perguntar se estava bem coberto. A' mesa, servia-me como optimo criado e á sobremesa contava-me historias ou pedia-me que lh'as contasse. E sempre de garra estendida para me apertar a mão. Oppuz sempre a tanto bem querer uma resistencia encarniçada. Parecia-me inutil contar entre os meus amigos um homem que assava meninos; mas, além disso, repugnava-me apertar a mão d'um homem, cuja morte fôra por mim já decidida. A minha consciencia dava-me licença para matal-o. Não seria um caso de legitima defeza? Mas tinha um certo escrupulo de matal-o á traição e aquelle meu proceder hos il e ameaçador era para que elle se acautelasse.

Sua amizade mais vigilante que o odio, não me perdia de vista um só instante. Quando me debruçava sobre a cascata para gravar na memoria todas as irregularidades do terreno, logo o Basilio me arrancava á contemplação com desvelo verdadeiramente maternal:

— Cuidado! dizia-me, puxando-me pelos pés Se por desgraça cahisses, era um remorso com que eu ficava para toda a vida.

Quando de noite tentava escapulir-me, logo elle saltava da cama, perguntando me se precisava de alguma coisa. Nunca vi patife mais vigilante!

O que mais me desesperava era a confiança que elle tinha em mim. Uma vez mostrei-lhe desejos de examinar as armas d'elle. Deu-me logo o punhal. Era um punhal russo, d'aço adamascado da fabrica de Toula. Tirei o da bainha, experimentei-lhe a ponta no dedo, depois apontei a ao peito d'elle, procurando bem o logar, entre a terceira e quarta costella. Disse-me sorrindo:

— Não carregues, que me matas.

Faz pena que a gente de bem tenha tanto escrupulo em matar assassinos, que não teem escrupulo nenhum em matar a gente de bem. Tornei a metter o punhal na bainha. O Basilio quiz que eu examinasse tambem a pistola, mas respondi-lhe que a minha curiosidade já estava satisfeita. Puxou o cão, mostrou-me a escorva, approximou o cano da testa e disse-me:

— Era uma vez o teu guarda!

Outra coisa não desejava eu, mas a occasião era boa de mais e o patife paralisava-me. Se houvesse dado cabo d'elle n'aquelle instante, ter-me-hia sido impossivel suppor ver seu ultimo olhar. Mais valia reservar-me para de noite. Por desgraça, elle, em vez de esconder as armas, punha-as ali muito á minha vista, entre as nossas camas.

Por fim, achei meio de fugir sem o acordar nem esganar. Acudiu-me essa idéa no domingo, 11 de maio, pelas seis horas.

Já no domingo de Ascenção eu tinha reparado que o Basilio, que gostava muito de vinho, era fraco bebedor. Convidei-o para jantar comigo. Esse testemunho de consideração dera-lhe volta ao miolo; o vinho de Egina encarregou-se do resto. Hedgi-Stavros, que nunca mais me honrára com uma só visita desde que eu perdêra a sua estima, portava-se como hospedeiro generoso. A minha mesa era melhor do que a d'elle. Pouco lhe importava que eu bebesse um odre de vinho e um tonel de rhaik. O Basilio, admittido a metter unha em taes magnificencias, começou a jantar em commovente humildade. Collocou-se a tres pés da mesa, como um trabalhador convidado pelo amo. Pouco a pouco o vinho encurtou as distancias. Ás oito horas já o meu carcereiro me explicava o seu genio. A's nove, contava-me a gaguejar as aventuras de sua mocidade e uma serie de façanhas capazes de arripiar os cabellos a um juiz de instrucção. A's dez abriu-se em philantropia. Aquelle coração de bronze fundia-se no rhaki como a perola de Cleopatra no vinagre. Jurou-me que dera em ladrão por amor da humanidade; que havia de realisar seus ideaes em dez annos, que fundaria um hospital com as suas economias e que depois se retirava para um convento. Prometteu-me que não se esqueceria de mim nas suas orações. Aproveitei tão excellentes disposições para lhe metter no buxo uma chicara enorme de rhaiki. D'ahi a pouco perdeu a voz; a cabeça ora lhe cahia para a esquerda, ou para a direita, como um pendulo; estendeu-me a mão, encontrou um resto do assado, sacudiu-o cordealmente e, deixando-se cahir desamparado, adormeceu com o somno das esphinges do Egypto, que nem os canhões francezes puderam despertar.

Não havia um instante a perder Os minutos eram d'oiro Agarrei na pistola e deitei-a para o fundo do barranco. O mesmo ia fazer ao punhal quando me lembrou de que me poderia servir para cortar a relva. Vi as horas no relogio; eram onze Apaguei as duas tochas de madeira resinosa, que alumiavam a nossa mesa; não fosse a luz atrahir as attenções do Rei. Um tempo de apetite. Nem um nadinha de luz, mas muitas estrellas. Era uma noite ao pintar. A relva, de que eu cortava longas tiras, arrancava-se como peças de panno. Ao cabo d'uma hora tinha os materiaes promptos. Quando os levava para a fonte, bati com o pé no Basilio. Soergueu-se pesadamente e perguntou-me, pelo habito, se eu precisava de alguma coisa. Deixei cahir o fardo e sentei-me ao pé do bebado. Pedi-lhe que bebesse ainda um trago.

— Sim, respondeu. Tenho sede.

Pela ultima vez enchi lhe a caneca de cobre. Elle bebeu metade, entornou o resto pela barba e pelo pescoço, procurou erguer se, cahiu de bruços, com os braços para a frente, e não tornou a fugir.

Corri para o dique e, apesar da minha pouca pratica, consegui vedar o riacho em quarenta e cinco minutos. Era uma menos um quarto. Ao barulho da cascata seguira-se um silencio profundo. Tive medo. Lembrei-me de que o Rei devia de ter o somno muito leve, como todos os velhos, e de que aquelle silencio desusado o poderia acordar. No tumulto das idéas que me assaltaram o espirito recordei-me d'uma scena do *Barbeiro de Sevilha*, quando D. Bartholo acorda, logo que deixa de ouvir o piano.

Deslisei junto das arvores até á escada e percorri com a vista o gabinete de Hadgi-Stavros. Approximei-me até á distancia de vinte passos do pinheiro real; apurei o ouvido: dormia tudo. Voltei ao meu dique, atravez d'uma poça d'agua fria que já me subia acima do tornozello.

Debrucei-me sobre o abysmo.

O flanco da montanha luzia imperceptivelmente. De espaço a espaço descobriam-se concavidades em que se depositára a agua. Tomei nota d'ellas. Eram outros tantos sitios em que eu poderia pôr os pés.

Voltei á barraca, peguei da caixa, que estava pendurada á cabeceira da cama e afivelei-a aos hombros. Passando pelo sitio em que haviamos jantado, peguei n'um quarto de pão e n'um bocado de carne, que não haviam ainda sido molhados pela agua. Metti as provisões na caixa para o meu almoço do outro dia. O dique resistia, o vento havia de me ter seccado o caminho; eram quasi duas horas. Bem andava, levando o punhal do Bazilio; mas cahira n'agua e não podia perder tempo a procural-o. Tirei os sapatos, atei-os um ao outro pelos cordões e pendurei-os nas correias da caixa. Finalmente, depois de haver pensado em tudo, de haver lançado uma ultima vista d'olhos aos meus trabalhos na comporta, de haver evocado lembranças da casa paterna e enviado um beijo na direcção de Athenas, a Mary-Ann, atirei uma perna para cima do parapeito, agarrei-me com ambas as mãos a um arbusto suspenso sobre o abysmo e dei principio á minha viagem, encommendando-me a Deus.

Era ardua a tarefa, mais ardua do que o havia supposto lá de cima. A rocha mal enxuta dava-me uma sensação de frio humido, como o contacto d'uma serpente. Havia mal calculado as distancias e os pontos de apoio eram em muito menor numero do que o esperava. Por duas vezes errei o caminho tomando para a esquerda. Foi-me preciso voltar para traz com immensa difficuldade. Muita vez perdi a esperança, mas nunca a energia. Faltou-me um pé; tomei uma sombra por uma saliencia e cahi d'uma altura de quinze ou vinte pés, com as mãos e o corpo de encontro ao flanco do monte, sem achar a que me agarrar. A raiz d'uma figueira susteve-me pela manga do sobretudo; ainda aqui verá os signaes. Um pouco mais longe, um passarão escondido n'um buraco largou vôo tão rapidamente entre as minhas pernas que por um triz não me fez o medo cahir. Caminhava com os pés e com as mãos, sobretudo com as mãos. Doiam-me os braços e sentia tremerem-me os tendões como cordas d'uma harpa. Já nem sentia as unhas á força de dôres. Talvez houvesse tido mais forças, se podesse medir o caminho, que ainda me faltava; mas, quando tentava volver a cabeça, assaltava-me a vertigem. Para criar animo, discursava comigo mesmo, dizendo alto, por entre os dentes: «Vá mais um passo por tenção de meu pae, outro por Mary-Ann, mais outro para opprobrio dos ladrões e desespero de Hadgi Stavros!»

Cheguei finalmente a pôr os pés n'uma plataforma mais larga. Pareceu-me que o chão tinha mudado de côr. Dobrei as pernas, sentei-me, voltei medrosamente a cabeça. Estava a dez passos do rio; alcançara os rochedos vermelhos.

Uma superficie plana, com pequeninas covas ainda contendo agua, permittiu-me tomar folego, e descançar um bocado Puxei pelo relogio; eram duas horas e meia apenas. Pois eu cuidava que a minha jornada havia durado tres noites pelo menos. Apalpei braços e pernas para ver se me não faltava nada; n'este genero de expedições um homem sabe o que vae, mas nunca sabe o que chega. Não deixára de ter sorte, umas contusões, duas ou tres esfoladelas, nada mais. Quem estava em peor estado era o meu sobretudo. Ergui os olhos ao ar, não ainda para agradecer ao céo, mas para ter a certeza de que nada se movia no meu antigo domicilio. Apenas ouvi a queda d'umas gotas de agua, que filtravam atravez do meu dique. Tudo ia bem; pela rectaguarda não havia novidade; sabia por onde tomar para Athenas; portanto adeus, ó Rei das Serras!

Já me dispunha a saltar para o fundo do barranco, quando um vulto esbranquiçado se ergueu na minha frente e ouvi os mais furiosos latidos que jámais tenham acordado os echos áquellas horas. Não tinha contado com os cães do meu amo. Esses inimigos do homem rondavam a toda a hora em volta do campo e um d'elles havia-me farejado.

O que eu senti, raiva, odio, por aquelle encontro, não sei dizel o. Não se detesta assim um ser irracional. Antes queria ver-me frente a frente com um lobo, um tigre ou um urso branco, nobilissimos animaes que me haveriam trincado sem dar palavra, mas que nunca me haveriam denunciado. Os animaes ferozes vão á caça por motu proprio. Mas aquelle diabo de cão que me queria devorar n'um berreiro enorme para fazer sua côrte ao Hadgi-Stavros! Enchi-o de injurias, atirei-lhe com um chuveiro de nomes offensivos; mas por mais que eu quizesse, mais alto do que eu, falava o cão. Mudei de systema, procurei ver que effeito lhe faziam palavras boas, interroguei-o suavemente em grego, na lingua de seus paes; a tudo dava a mesma resposta, que fazia estremecer a serra. Calei-me; era mais uma idéa: calou-se tambem. Deitei-me nas poças d'agua; elle deitou-se aos pés do rochedo, rosnando sempre. Fingi adormecer, e elle adormeceu. Deixei-me deslisar insensivelmente ate ao rio; ergueu-se n'um pulo e mal me deu tempo para trepar de novo para o meu pedestal. Deixei o chapeo entre as garras, ou, para melhor dizer, entre os dentes do inimigo. Um momento depois era uma pasta, um bolo! Pobre chapéo! Fazia-me dó; eu collocava-me no logar d'elle. Se se tratasse de me desenrascar por meia duzia de mordidelas, bem ia o negocio. Mas é que aquelles monstros não se contentam com morder um homem, devoram-o!

Lembrou-me que talvez tivesse fome, que se eu tivesse com que matar-lh'a, talvez depois ainda me mordesse, mas já me não comeria. Fiz o sacrificio das minhas provisões; pena era que não as tivesse em maior numero. Deitei-lhe metade do meu pão. Aquillo cahira n'um abysmo, tal qual uma pedra n'um poço. Olhei com tristeza para o pouco que me restava que ainda poderia offerecer, quando se me deparou no fundo da caixa um embrulhosinho branco que me trouxe novas idéas. Era uma provisão de arsenico destinada ás minhas preparações zoologicas. Servia-me para empalhar passaros, mas não havia lei que me prohibisse metter um certo numero de grammas no involucro d'um cão. O meu interlocutor, que abrira o apetite, não pedia senão a continuação do banquete.

— Espera, que te vou dar um pratinho cá dos meus!

O embrulho conteria uns trinta e cinco grammas d'um lindo pó branco e brilhante. Deitei uns cinco ou seis n'um reservatoriosinho d'agua muito clara e metti o resto na algibeira. Mechi com muito cuidado a ração do bicho e esperei que o acido arsenioso se achasse muito bem dissolvido Mergulhei na solução um bocado de pão, que na agua se embebeu como uma esponja. O cão atirou-se-lhe faminto e n'um só trago enguliu a morte.

Mas porque não me havia eu de ter entre as minhas munições um pouco de strychnina ou d'outro qualquer veneno melhor e mais rapido que o arsenico? Eram mais de tres horas e os resultados do meu invento demoravam-se. Meia hora depois, o cão poz-se a uivar com todas as forças. Os resultados obtidos eram pouco satisfactorios: latidos, uivos, gritos de furor, gritos de angustia, tudo attingia o mesmo alvo, isto é, os ouvidos de Hadgi-Stavros. D'ali a pouco o animal começou a estorcer-se em convulsões horriveis; deitava espuma pela bocca; começou a nausear-se e a fazer esforços para vomitar o veneno que o devorava.

Era para mim um gratissimo espectaculo e eu saboreava o prazer da doença; mas só a morte do inimigo me poderia salvar e essa tardava muito. Esperei que, vencido pela dôr, me deixasse passagem livre; mas cada vez mais contra mim se encarniçava, mostrando-me as goelas cheias de baba e sangue, como para exprobar-me as minhas dadivas e dizer-me que não morreria sem vingar-se. Atirei-lhe com o lenço: rasgou-o com tanta raiva como o fizera ao meu chapéo. Começava o céo a clarear e eu presentindo haver commettido um assassinato inutil. Ainda uma hora e os bandoleiros estariam de volta comigo. Ergui a cabeça para o quarto maldito, que abandonára na esperança de não tornar a vel-o e para onde o poder d'um cão outra vez me mandava.

Uma formidavel cataracta atirou-me de bruços no chão.

Tepes de relva, seixos, fragmentos de rocha rodavam em volta de mim com uma torrente d'agua gelada. Rompeu-se o dique e todo o lago se esvasiava por sobre a minha cabeça. Puz-me a tremer; cada onda que passava levava-me uns grãos do meu calor animal e o meu sangue era já frio como o d'um peixe.

Lancei a vista para o cão. Lá estava ao pé do rochedo, luctando contra a morte, contra a corrente, contra tudo, de goelas escancaradas e de olhos pregados em mim. Era preciso acabar com aquillo. Desafivelei a caixa, agarrei a pelas correias e com tanta furia bati com ella na hedionda cabeça, que o inimigo abandonou o campo de batalha. A torrente tomou conta d'elle, fez-lhe dar duas ou tres cambalhotas e lá o levou não sei para onde.

Saltei para dentro da agua. Dava-me pela cintura. Agarro-me aos rochedos da beira. Saio da corrente, arribo ao outro lado, sacudo-me e grito: Viva Mary-Ann!

Quatro salteadores surgem de repente, agarram-me pela gola do casaco e gritam me:

— Até que te apanhámos, assassino! Venham todos, que elle aqui está preso! O Rei ficará satisfeito e o Basilio será vingado!

Parece que, sem o saber, havia afogado o amigo Basilio.

Até então não tinha matado ninguem. O Basilio era o primeiro. Depois d'isso dei cabo de muitos outros em defeza propria e só para salvar a minha vida; mas só o Basilio me deixou remorsos; ainda que a sua morte fosse apenas resultado d'uma innocente imprudencia.

Sabem o que é um primeiro passo. Não ha assassino descoberto pela policia e levado de cadeia em cadeia até ao logar do crime, que baixasse, mais humilde do que eu, a cabeça. Não me atrevia a erguer os olhos para aquella boa gente que me havia deitado a mão; não me sentia com forças para suster seus olhares severos; presentia, a tremer, uma temerosa prova; iria comparecer perante o meu juiz, seria levado á presença da minha victima! Como arrostar com o sobr'olho do Rei das Serras? Como rever, sem morrer de vergonha, o corpo inanimado do infeliz Basilio? Por mais d'uma vez senti vergarem-se-me os joelhos e teria ficado no meio do caminho, se não fossem os pontapés, que me seguiam pela rectaguarda.

Atravessei o campo deserto, o gabinete do Rei onde estavam os feridos e desci ou, para melhor dizer, deixei-me cahir pela escada do meu quarto.

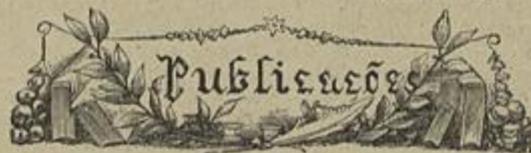
As aguas haviam-se retirado deixando pedaços de lodo pelas paredes e pelas arvores. Uma ultima poça restava no sitio d'onde eu havia arrancado a erva.

(Continúa).

Real Theatro de S. Carlos

EUGENIA MANTELLI

ANTONIETTA POZZONI ANASTASI

Publicações

Recebemos e agradecemos:

Do Civismo e da arte no Brazil — **«A peste»** *por Joaquim Leitão — Lisboa — 1900.*

Com o titulo generico *A Peste* tem escripto o sr. Joaquim Leitão uma serie de folhetos mensaes, de que se acham já publicados sete numeros, abrangendo n'elles grande numero de assumptos de varia especie e inserindo algumas descripções do paiz que teem sido lisongeiramente apreciados pela critica.

Appareceu o primeiro numero em setembro do anno passado e regularmente, por delicada offerta do auctor, temos recebido esses interessantes boletins mensaes, de que é editor a conceituada Livraria Central, d'esta cidade.

Do Civismo e da arte no Brazil é um bello volume de 350 paginas, pelas quaes o auctor dividiu o assumpto em quatro comprehendendo os seguintes capitulos: O homem e a terra — A mulher — A familia — O povo — As cidades — As novas cidades — Colonisação portugueza — Immigração — O sentimento civico — Gestação nos seculos — Mocidade — Plenitude — A caminho do triumpho.

O presente trabalho é dedicado pelo sr. Joaquim Leitão a seu pae, em alevantadas expressões de esperança no resurgimento da vida nacional, offerecendo como exempjo mais fructificante do que as passadas glorias portuguezas o triumpho d'esse povo novo que é o Brazil, e perante o qual o auctor se extasia, descrevendo-lhe as bellezas naturaes, da paizagem e da raça, com um nobre enthusiasmo que contrasta vivamente com as descripções de tantos dos nossos escriptores que sobre o assumpto teem publicado as suas impressões.

No fundo do *Civismo e da arte em Portugal* ha uma certa injustiça de apreciação quanto ás idéas geraes que entre nós se teem espalhado ácerca do grande paiz d'alem atlantico, a que tantos interesses nos prendem affectuosamente.

Tudo quanto escreve o sr. Joaquim Leitão ácerca do solo, do clima e da raça nos parece muitissimo bem, porque representa para o auctor e para nós a verdade do seu sentir, mas em tudo quanto se refere ás immigrações, especialmente a portugueza, o auctor diverge bastante do geral dos nossos escriptores que teem pisado o Brazil Não se deixa ir na onda da opinião por elles estabelecida e diz algumas verdades duras, e apresenta considerações que se devem tomar no devido pezo.

Percorre por todo o livro um insuspeito louvor ao Brazil, fundada uma parte d'essa justa admiração do auctor na paizagem e na raça, nas suas virtudes civicas, no seu progresso e civilisação, e a outra nas qualidades adquiridas ali pelos imigrantes.

Não faltam decerto bases ás suas affirmativas genericas, e o livro lê-se com infinito agrado pelo seu estylo, devendo encarecer-se o cuidado que o auctor poz na explanação do assumpto.